

retenção de água do solo. As possíveis vantagens dessa forma de crescimento são discutidas. (CNPq – processo 479929/01-7).

**0991 - RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA DE RESTINGAS CONTAMINADAS PELA INVASORA *Pinus*, NO PARQUE FLORESTAL DO RIO VERMELHO, FLORIANÓPOLIS, SC.** Bechara, Fernando Campanha<sup>1</sup>; Reis, Ademir<sup>2</sup>. <sup>1</sup> Mestando em Biologia Vegetal/UFSC; <sup>2</sup> Professor do Depto. de Botânica/UFSC. ([fernandobechara@bol.com.br](mailto:fernandobechara@bol.com.br)).

A “contaminação biológica” (segunda maior causa de perda de diversidade global, superada apenas pela supressão de habitats) é o processo de introdução e adaptação de espécies exóticas que se naturalizam, provocando mudanças nos ecossistemas naturais, disseminando-se, dificultando a resiliência, levando à perda de conexões entre níveis tróficos e gerando processos de extinção secundária. Contaminantes biológicos proporcionam um mínimo de interações interespecíficas, pois não co-evoluíram com organismos dos novos ambientes. Contaminantes ocupam vazios ecológicos, sobrepondo-se em nichos suscetíveis, com disponibilidade de espaço físico e funcional, comuns em áreas abertas e/ou edáficas, como restingas, preferenciais para a contaminação por *Pinus*. O Parque Florestal do Rio Vermelho possui 150ha de restingas em diferentes níveis de contaminação. Para orientar a substituição do *Pinus* pela restauração ecológica das restingas, foram realizados estudos e ações, baseados na indução dos processos sucessionais e no aumento de probabilidades de interações interespecíficas entre plantas-animais. Denotou-se a alta capacidade invasora do *Pinus* registrando-se: chuva de sementes contínua de *Pinus* durante todo o ano; 5 sementes viáveis por cone caídas na serapilheira; mesma porcentagem de emergência (90%) em sementes de *Pinus* com e sem quebra de dormência (estratificação a 3-5°C: procedimento padrão para o gênero). Sob talhões de *Pinus*, com sub-bosque nativo, registraram-se: 26 espécies nativas estabelecidas, 21 no banco de sementes do solo e 15 na chuva de sementes. Na restauração, foram usadas para a recolonização, após o corte raso do *Pinus*: plantio de mudas (23 espécies de restinga) em ilhas de diversidade, hidrossemeadura (39 espécies de restinga e ruderais de ciclo curto), poleiros artificiais secos e vivos. Avaliações preliminares indicam potencialidades dos métodos usados. A contaminação biológica e as necessidades de legislação pertinente, educação, prevenção, controle e restauração, acerca da contaminação por *Pinus*, representarão ações concretas para a conservação da biodiversidade. (WWF/UFSC).

**0992 - RECUPERAÇÃO FUNCIONAL DA FLORESTA ATLÂNTICA APÓS INCÊNDIO NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, RJ.** Firme, Rodrigo Penna<sup>1</sup>; Magalhães, Alessandra Costa<sup>2</sup>; Oliveira, Rogério Ribeiro<sup>3</sup>. <sup>1</sup> Mestrando MCAF/UFRRJ; <sup>2</sup> Estudante de graduação do curso de Geografia e Meio Ambiente/PUC-Rio; <sup>3</sup> Professor do Depto. de Geografia/PUC-Rio. ([nima-lab@geo.puc-rio.br](mailto:nima-lab@geo.puc-rio.br)).

A ocorrência de incêndios constitui o maior distúrbio que uma floresta tropical pode sofrer. O impacto inicial dá-se pela destruição total ou parcial da vegetação atingida. Entretanto, este prolonga-se por longos períodos, podendo ser mensurado e avaliado quantitativa e qualitativamente, através de recuperação funcional do sistema de ciclagem de serapilheira. O presente estudo, realizado no Parque Estadual da Pedra Branca (RJ), apresenta os resultados de 1 ano de medições da produção de serapilheira em um trecho floresta de encosta bem preservado, e outro, contíguo, que sofreu incêndio em agosto de 2000, quando foram mortos 49% das árvores e arbustos. Em cada área distribuíram-se 16 coletores de serapilheira (com 0,5m de lado). Seus conteúdos foram coletados mensalmente e submetidos à secagem em estufa até peso constante, sendo triados nas frações folhas, galhos, material reprodutivo e resíduos. A produção de

serapilheira no trecho preservado foi 8.009kg/ha/ano, sendo de 3.356kg/ha/ano no trecho queimado (42% da produção do trecho conservado). A participação da fração folhas e galhos em relação ao total produzido foram respectivamente de 62,6% e 35% no trecho preservado, e de 55,5% e 24,4% no trecho incendiado. Entretanto, a produção de galhos foi 40% maior no trecho incendiado. Ao longo de 12 meses de monitoramento, a produção total de serapilheira do trecho incendiado em relação ao preservado variou entre 17% e 45%. Estes resultados reforçam a hipótese de que a floresta possa permanecer sofrendo os efeitos deletérios do incêndio por longos períodos, não recuperando sua funcionalidade, como indica a baixa produção de serapilheira e a alta percentagem de galhos encontrados no trecho incendiado. Este fato sugere que decorridos mais de 1 ano após o incêndio, as árvores continuam morrendo, perdendo seus galhos e casca, o que demonstra a fragilidade deste tipo de ecossistema frente a distúrbios desta ordem de magnitude. (CAPES, CNPq/PIBIC).

**0993 - FENOLOGIA DAS ESPÉCIES DA FAMÍLIA COMPOSITAE (ASTERACEAE) DO HORTO DE PLANTAS MEDICINAIS DA EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL.** Rosal, Louise Ferreira<sup>1</sup>; Lameira, Osmar Alves<sup>2</sup>; Menezes, Ilmarina Campos<sup>3</sup>; Cordeiro, Iracema Maria Castro Coimbra<sup>4</sup>; Reis, Lana Roberta Sousa<sup>1</sup>. <sup>1</sup> Graduando Bolsista/CNPq; <sup>2</sup> Doutor/Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental; <sup>3</sup> Msc./Embrapa Amazônia Oriental; <sup>4</sup> Mestranda FCAP.

Em todas as partes do mundo estão sendo reativadas as pesquisas sobre produtos de origem natural. Há uma demanda cada vez maior de novas fontes naturais de nutrientes e medicamentos. Para atender essa procura, a Amazônia brasileira oferece um apreciável potencial devido ao grande número de espécies disponíveis embora a maioria seja pouco conhecida e, ainda não pesquisada. O objetivo deste trabalho é avaliar época de floração e frutificação das espécies pertencentes à família Compositae (Asteraceae), permitindo a obtenção de um conhecimento científico mais detalhado através de análises fitoquímicas que são realizadas, entre outras partes da planta, nas flores e frutos, os quais oferecem dados de suma importância para a possível validação de seu uso. As espécies foram coletadas em municípios dos Estados da região amazônica e estão sendo cultivadas em vasos em casa de vegetação, em canteiros de 1m<sup>2</sup> sob sombra a 50%, em covas ou em canteiros de 1m<sup>2</sup> a céu aberto. O cultivo é determinado de acordo com o porte e a necessidade de sombreamento de cada espécie. As plantas são irrigadas e os tratos culturais envolvendo capina e adubação orgânica são realizados de acordo com as necessidades. A família Compositae destacou-se por apresentar o maior número de plantas coletadas e identificadas, 15. As espécies apresentaram maior concentração de floração e frutificação nos meses de maio a julho de um período de 02 anos, coincidindo com os meses de menor precipitação pluviométrica. Vale ressaltar que houve uma maior adaptação e domesticação em ambientes que forneciam sombreamento como o telado e a casa de vegetação.

**0994 - FLORAÇÃO, FRUTIFICAÇÃO E QUALIDADE DO FRUTO DE COCO EM FUNÇÃO DA IRRIGAÇÃO.** Passos, Edson Eduardo Melo<sup>1</sup>; Silva Junior, Carlos Dias<sup>2</sup>; Cintra, Fernando Luiz Dutra<sup>1</sup>. <sup>1</sup> Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros; <sup>2</sup> Professor do Dep. Biologia/UFS. ([edson@cpate.embrapa.br](mailto:edson@cpate.embrapa.br)).

O estresse hídrico é um dos principais fatores responsáveis pela queda de produtividade e qualidade dos frutos do coqueiro (*Cocos nucifera* L.). Nos tabuleiros costeiros do Nordeste, a irregularidade na distribuição das chuvas provoca déficits hídricos estacionais que comprometem o desenvolvimento dessa planta, tornando indispensável o uso da irrigação no seu cultivo.